

## **AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM PERÍODO PÓS-PANDÊMICO NA PERSPECTIVA DE PROFESSORAS ALFABETIZADORAS**

*Janaína Vanessa da Silva <sup>1</sup>, Roseli Maria Rosa de Almeida <sup>2</sup>*

### **Resumo**

Na presente pesquisa discutimos o processo de alfabetização e do letramento após a pandemia de Covid-19. Objetivamos de forma geral investigar e analisar como ocorreu o processo de alfabetização e letramento em duas turmas de 1º ano do ensino fundamental, no período de pós-pandemia, em uma escola pública de Naviraí-MS. A abordagem de pesquisa foi qualitativa do tipo descritiva e os instrumentos metodológicos utilizados a fim de coletar os dados foram: entrevistas semiestruturadas com duas professoras do 1º ano do ensino fundamental e observações participantes nas duas turmas pesquisadas. A partir da pesquisa identificamos que os métodos de alfabetização que as professoras utilizavam foram o fônico e o alfabético. Além disso, evidenciamos que as práticas de leitura e escrita privilegiaram os aspectos voltados à especificidade da alfabetização, enquanto as práticas que envolvem o processo de letramento foram insuficientes para que as crianças fossem alfabetizadas e letradas.

**Palavras-chave:** Alfabetização; Letramento; Desafios.

### ***PEDAGOGICAL PRACTICES IN THE POST-PANDEMIC PERIOD FROM THE PERSPECTIVE OF LITERACY TEACHERS***

### **Abstract**

In this research we discuss the process of teaching literacy after the Covid-19 pandemic. We generally aimed to investigate and analyze how the literacy process occurred in two 1st year elementary school classes, in the post-pandemic period, in a public school in Naviraí-MS. The research approach was qualitative and descriptive and the methodological instruments used to collect the data were: semi-structured interviews with two 1st year elementary school teachers and participant observations in the two classes studied. From the research we identified that the literacy methods that the teachers used were phonic and alphabetic. Furthermore, we highlight that reading and writing practices privileged aspects focused on the specificity of literacy, while practices involving the literacy process were insufficient for children to become literate.

<sup>1</sup> Autora da pesquisa. Pedagoga formada pela UFMS/Câmpus de Naviraí e Pós-Graduada pelo IFMS de Naviraí em *Docência para Educação Profissional, Científica e Tecnológica*. E-mail: janainavanessadasilva@outlook.com

<sup>2</sup> Roseli Maria Rosa de Almeida. Docente do Curso de Pedagogia da UFMS/Câmpus de Naviraí e orientadora da pesquisa. E-mail: roseli.almeida@ufms.br

**Keywords:** Keywords: Literacy; Reading and writing; Challenges.

## 1 Introdução

Este trabalho tem como temática o processo de alfabetização e letramento, com o foco voltado para os desafios de aprendizagem e ensino no contexto pós-pandêmico, em turmas do 1º ano do ensino fundamental. Com a pandemia da Covid-19, as aulas presenciais foram interrompidas e permaneceram, nas escolas públicas do município de Naviraí-MS, por dois anos em ensino remoto, pois foi necessário o afastamento social. As escolas foram as mais prejudicadas, pois muitas delas, principalmente as escolas municipais, permaneceram fechadas durante o período de isolamento social, retornando 100% de suas atividades presenciais só em 2022. Assim, com a pandemia da Covid-19 foi preciso que as escolas organizassem suas “[...] ações a fim de manter os vínculos de estudantes e famílias com as instituições educacionais [...]”, realizando “[...] propostas de educação a distância ou atividades remotas” (Anjos; Francisco, 2021, p. 126).

As aulas até então foram ministradas de forma remota, mas a questão é: como se alfabetizar crianças na modalidade de ensino remoto? Nas palavras de Soares (2022), numa palestra via Google Meet, na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), no Campus de Naviraí-MS (CPNV), “é impossível uma alfabetização em ensino remoto”, pois as crianças necessitam de um contato direto com a professora, precisam da sua mediação, algo essencial quando estão passando pelo processo de alfabetização inicial. Segundo Mainardes (2021) para que a alfabetização ocorra, a criança precisa ser norteada, acompanhada, desafiada. Precisa de apoio e orientação constantes.

Assim, o objetivo geral da pesquisa consistiu em investigar e analisar como ocorreu o processo de alfabetização e letramento em duas turmas de 1º ano do ensino fundamental, em uma escola pública de Naviraí-MS. Os objetivos específicos consistiram em: i) identificar as práticas e os métodos de alfabetização e letramento adotados pelas professoras; ii) identificar as perspectivas das professoras alfabetizadoras quanto aos desafios da alfabetização e do letramento depois da pandemia de Covid-19; e, iii) averiguar as estratégias que a escola e as professoras alfabetizadoras adotaram para recuperar a defasagem na aprendizagem dos alunos.

A coleta de dados foi realizada por meio de oito observações participantes em cada sala de aula, durante as aulas de Língua Portuguesa, entre os meses de março e abril de 2023; e as entrevistas semiestruturadas foram individuais, com as duas professoras alfabetizadoras do 1º ano do ensino fundamental.

## 2 Alfabetização e letramento: um panorama dos conceitos

Alfabetização e letramento são dois conceitos diferentes, mas que se complementam. Segundo Soares (2003), são termos comumente confundidos ou um se sobressai ao outro, causando a perda de especificidade do processo de alfabetização e do letramento. Assim, para evitar esse tipo de confusão é importante diferenciar, mas também aproximar a alfabetização do letramento. Quanto a isso, a autora nos diz o seguinte:

[...] a distinção é necessária porque a introdução, no campo da educação, do conceito de letramento tem ameaçado perigosamente a especificidade do processo de alfabetização; por outro lado, a aproximação é necessária porque não só o processo de alfabetização, embora distinto e específico, altera-se e reconfigura-se no quadro do conceito de letramento como também este é dependente daquele (Soares, 2003, p. 90).

Para Silva (2021) tanto a alfabetização quanto o letramento são influenciados pela cultura e pela sociedade. Neste sentido, “a alfabetização está intimamente ligada com o letramento, um pressupõe o outro” (Silva, 2021, p. 101). Assim sendo, segundo Soares (2020, p. 11), “alfabetização não é a aprendizagem de um código, mas a aprendizagem de um sistema de representação, em que signos (grafemas) representam, não codificam, os sons da fala (os fonemas)”. Dessa forma, a alfabetização pode ser definida como um processo de aquisição da língua escrita.

De acordo com o pensamento de Silva (2021, p. 101), alfabetizar significa “[...] ensinar o aluno a ler e a escrever se apropriando das competências da compreensão dos sinais [...]”. Para isso, a autora diz que nesse processo, se faz importante a linguagem oral e escrita, para que os alunos dominem, ou aprendam o sistema da linguagem escrita.

Segundo Silva (2021), o termo alfabetização, refere-se a um processo de ensino e aprendizagem, com a intenção de promover a compreensão da leitura e da escrita. Já Silva (2007) nos traz a ideia de que não se trata de um processo simples, que alfabetizar vai muito além do que só ensinar a ler e escrever, o autor descreve esse processo da seguinte maneira:

[...] alfabetizar é segurar firme a mão de uma criança quando ela chega à escola pela primeira vez, dar-lhe a devida segurança para superar possíveis receios ou medos e ir costurando todas as linguagens já em poder dessa criança no sentido de que ela, pelo empenho e pelo estudo, apodere-se de mais uma, a linguagem escrita (Silva, 2007, p. 4).

Segundo Galvão e Leal (2005, p. 13), “[...] o aprendizado da técnica só fará sentido se ele se fizer em situações sociais que propiciem práticas de uso [...]. Nesse sentido, o uso social é que dá sentido ao domínio da técnica”. Assim, a aprendizagem da leitura e escrita, só tem sentido quando trabalhada e desenvolvida em situações que estão presente no cotidiano do aluno.

Para Silva (2021), o processo de alfabetização e letramento é fundamental para o desenvolvimento intelectual da criança. Depois de aprender a ler e escrever, a criança pode aprender muito mais do que é ensinado na escola. Como resultado, a leitura e a escrita passam a ter significado para a criança, pois esses aprendizados são utilizados não apenas na escola, mas também, no seu dia a dia, nas práticas sociais.

Vale ressaltar que o processo de alfabetização precisa ser abrangente, para além de uma abordagem mecânica, mas também, precisa ter um enfoque na expressão e compreensão, precisa ter especificidade e autonomia, considerando o contexto social, os fatores econômicos, culturais e políticos (Soares, 2016).

Alfabetização é algo que ocorre a partir da construção pela criança, de hipóteses acerca do desenvolvimento do sistema alfabético da escrita, além disso, “é utilizando-se de textos reais, tais como listas, poemas, bilhetes, receitas, contos, piadas, entre outros gêneros, que os alunos podem aprender muito sobre a escrita” (Galvão; Leal, 2005, p. 14). Assim, para que o aluno aprenda a ler e escrever, é preciso que ele seja desafiado, que reflita sobre a língua escrita, de forma a compreender e adquirir conhecimentos e habilidades específicas dessas duas práticas (leitura e escrita).

Quanto ao letramento, Soares (2003, p. 97) nos diz que pode ser “[...] entendido como o desenvolvimento de comportamentos e habilidades de uso competente da leitura e da escrita em práticas sociais [...]”. Dessa maneira, o letramento tem a ver mais com as práticas de escrita e leitura, além da interpretação e produção de textos em diferentes contextos.

O letramento “[...] vai além da habilidade da decodificação, é quando o letrado utiliza instâncias públicas e privadas” (Silva, 2021, p. 101), se faz presente na sociedade, no meio social, ou seja, estamos em uma sociedade da cultura letrada. Podemos observar que há escrita em vários suportes, por exemplo, em panfletos, jornais, outdoor, placas de sinalização do trânsito, letreiro de comércios, rótulos de alimentos, entre outros. Assim, o indivíduo está cercado por práticas de leitura e escrita, o letramento se faz presente a todo instante em nossas vidas, desde o nascimento (Silva, 2021).

De forma mais compreensível, pode-se dizer que a alfabetização é a aquisição da tecnologia e o letramento é o desenvolvimento das habilidades, conhecimentos e atitudes dessa tecnologia, em práticas sociais. Quanto à aquisição da tecnologia, refere-se à aquisição “[...] do conjunto de técnicas – procedimentos, habilidades – necessárias para a prática da leitura e da escrita [...]” (Soares, 2003, p. 91). Basicamente, é a aquisição do modo de ler e escrever, que envolve toda uma técnica, desde a ortografia até a forma de pegar

no lápis, de seguir a forma correta de escrever na linha e ler uma página na direção correta.

O letramento, de acordo com Soares (2003, p. 91), refere-se “ao exercício efetivo e competente da tecnologia da escrita [...]”. Envolve habilidades variadas do uso da leitura e escrita, seja para interagir com os demais, seja para se informar ou informar os demais, ou até mesmo para ampliar seus conhecimentos, entre outros exemplos. De forma sucinta, o letramento tem a ver com “[...] habilidades de interpretar e produzir diferentes tipos e gêneros de textos [...]” (Soares, 2003, p. 92).

Em sua análise, Soares (2020), considera que na educação é preciso “alfabetizar”, ou seja, não basta apenas o professor alfabetizar o aluno, mas sim, alfabetizar e letrar. Segundo a autora, esses dois processos são simultâneos e indissociáveis, ocorrem ao mesmo tempo e não se separam.

Dessa maneira, a alfabetização “[...] não precede nem é pré-requisito para o letramento, ao contrário, a criança aprende a ler e escrever envolvendo-se em atividades de letramento, isto é, de leitura e produção de textos, de práticas sociais de leitura e escrita” (Soares, 2020, p. 27). Assim, a alfabetização é desenvolvida no contexto de letramento, e o letramento só pode ser desenvolvido, quando há aprendizagem do sistema convencional da escrita.

Alfabetizar, na perspectiva do letramento é instrumentalizar os alunos com o código alfabético para que estejam aptos ao seu uso. Ensinar o código escrito na cultura central do letramento significa alfabetizar no “lugar certo”, através das práticas sociais, culturais, de leitura, oralidade e escrita (Silva, 2021, p. 102).

Assim, o processo de alfabetização e letramento não se dá em apenas no ensinar a ler e escrever, mas também precisa ser um processo significativo para as crianças. Deve ser abrangente, não se deve focar apenas em codificar e decodificar as palavras, mas também, numa proposta que busca situar o aluno no mundo da escrita, em um contexto em que a escrita e a leitura façam sentido e se integre na vida do aluno (Soares, 2016).

Também é preciso considerar a individualidade do aluno, sua realidade e cultura, colocando-o como centro da aprendizagem da língua escrita.

### **3 Metodologia**

A metodologia utilizada no desenvolvimento deste estudo emergiu do campo da pesquisa qualitativa, do tipo descritiva, mediante a realização de observações participantes em sala de aula, durante as aulas de Língua Portuguesa, em uma escola pública da rede de ensino municipal e da realização de entrevistas semiestruturadas com duas professoras alfabetizadoras da rede municipal de ensino de Naviraí-MS.

## 4 Resultados e discussões

Para a coleta de dados e posterior análise foi elaborado um roteiro de perguntas para as duas professoras participantes da pesquisa. Neste texto, no entanto, analisamos três das sete questões propostas. As entrevistas foram realizadas em abril de 2023, de forma individual, em horários distintos, no momento em que as professoras estavam em hora-atividade. Para garantir a privacidade da instituição de ensino e das entrevistadas, ocultamos o nome da escola e para preservar a identidade das participantes, optamos por chamá-las de P1 (Professora 1) e P2 (Professora 2).

Primeiramente, perguntamos sobre **quais foram os desafios para alfabetizar e letrar na turma do 1º ano do ensino fundamental**, no período de pós-pandemia. Assim, a P1 disse “no pós-pandemia o maior desafio é o *déficit*, de falta, é muita falta, eles não estão mais frequentes igual eram, parece que eles perderam um pouco o interesse, eles faltam bastante” (2023). Já a segunda entrevistada apontou que “é muito difícil, porque eles estão vindo da pré-escola muito defasados na sua aprendizagem, chegam aqui... nós temos que dar conta das atividades, das coisas que a pré-escola não fez e temos que acrescentar o nosso e o deles também, por isso se torna difícil, se cada um fizesse a sua parte não tornaria difícil” (P2, 2023).

Podemos observar na fala da P1, que o maior desafio para ela se deu pelas faltas dos alunos, o que dificulta o trabalho em alfabetizá-los e letrá-los, já que não são tão frequentes em sala de aula. O processo de alfabetização e letramento requer uma intensa mediação da professora alfabetizadora, pelo “[...] fato de ainda não terem a autonomia para leitura e escrita traz limitações grandes [...]” (Mainardes, 2021, p. 58), ainda mais quando as crianças não são frequentes nas aulas.

As faltas foram consideradas um desafio no processo de alfabetização e letramento porque esse é algo contínuo. Quando o aluno falta, perde o conteúdo, a atividade, a explicação da professora, ao passo que o aluno que está presente às aulas, tem a possibilidade de aprender aquilo que foi desenvolvido em sala de aula. Em uma turma que os alunos faltam muito, pode-se ter dificuldade no avanço do conteúdo, uma vez que a professora precisa ficar “retomando sempre aquilo que já foi explicado e que já foi dominado pelos alunos frequentes”, o que pode causar dificuldades maiores no processo de aprendizagem. Dessa maneira, o aluno pode não ser alfabetizado, devido ao fato de perder atividades e não ter a mediação constante da professora em sala de aula, pois:

Nada substitui o contato com a criança, o olhar, a palavra de estímulo. Pegar na mão para ajudá-la a escrever algo, convidá-la para vir ao quadro, apontar uma palavra com o dedo, ler partilhadamente com ela pequeno texto, uma frase, uma palavra, uma letra. Todas essas ações fazem parte do processo e permitirão



que, um dia, possam ler e escrever com autonomia, sem ajuda [...] (Mainardes, 2021, p. 60).

Já a P2 relata que é um desafio para ela ter que dar conta do seu planejamento e retomar atividades que deveriam “ser desenvolvidas na pré-escola”. No entanto, há de se considerar que algumas crianças tiveram o primeiro contato com a escola em 2022, nem todas frequentaram a educação infantil, e aqueles que frequentaram, foi o seu primeiro contato com a escolarização. Dessa maneira, pode-se intuir que algumas crianças em transição da etapa da educação infantil para o ensino fundamental possuem “[...] déficit no desenvolvimento da coordenação motora fina, dificuldade de concentração, socialização, compreensão de informações abstratas, dimensão emocional abalada e dificuldades de seguir rotinas” (Domingos et. al, 2023, p. 18).

Indagamos a seguir sobre **o que a escola e os professores estavam fazendo para recuperar os alunos**. A P1 ponderou:

A recomposição de aprendizagem, voltar os conteúdos que eles perderam e ir mais devagar. A escola tem projeto de reforço, mas é a partir do 2º ano. Com o 1º ano a gente faz é na sala mesmo, retomar o conteúdo, que às vezes é da educação infantil e passar para eles de novo (P1, 2023).

A P1 citou a questão da recomposição da aprendizagem, que se configura em um termo que “[...] diz respeito a aprender aquilo que não foi possível [...]” (Duarte; Duarte; Silva, 2022, p. 118). Sendo assim, a recomposição tem sentido de restauração, como forma de garantir a aprendizagem aos alunos que tiveram um aprendizado incompleto devido à pandemia, como meio de garantir que todos tenham a oportunidade de alcançar um nível satisfatório de compreensão e proficiência nas matérias.

Quanto à retomada dos conteúdos, considera-se uma boa estratégia de toda a equipe escolar para a garantia da recomposição de habilidades não adquiridas pelos alunos durante a pandemia. É importante que a escola contemple também os alunos com defasagem na aprendizagem, objetivando amenizar as dificuldades encontradas por eles durante o processo de alfabetização e letramento. Sendo assim, por que não conceber uma ou mais estratégias para recuperar esses alunos que apresentaram déficit nos conhecimentos? Por que não pensar também em estratégias que vão além da sala de aula?

Já a resposta de P2, foi a seguinte:

A escola oferece reforço e os professores que têm força de vontade, faz muito além do que eles devem fazer. Eu mesmo sou uma pessoa que faço de tudo para o meu aluno conseguir aprender, eu dou muito “no concreto”, eu trabalho muito no

individual. Então é difícil, a alfabetização é a série mais difícil que tem, porque você tem que começar do topo, é igual um alicerce, igual uma casa tem que começar no alicerce, se for um alicerce mal feito a casa cai, é igual com a criança (P2, 2023).

Acredita-se que é preciso muito mais que força de vontade, mas sim, um compromisso com a formação integral desses indivíduos, a fim de recuperá-los. Além disso, buscar diferentes metodologias de ensino que visem à aprendizagem do aluno, reorganizando o planejamento, pensando em atividades que desafiem os alunos para que estes venham a aprender e superar suas dificuldades. Para Leal (2005, p. 109):

[...] alfabetizar é uma atividade complexa, que exige profissionalização, planejamento, conhecimentos de diversos tipos, e compromisso, sendo necessário, portanto, dedicarmos-nos ao estudo e ao desenvolvimento de nossas próprias capacidades.

Depois fizemos uma pergunta sobre **os métodos de alfabetização e letramento que eram utilizados pelas professoras**. A P1 disse: "Eu estou utilizando o método fônico, que é os sons das letras, porque através do som eu acho que eles aprendem melhor e mais rápido, depois que eles aprendem o som, que percebem o som das letras, rapidinho eles aprendem a ler tudo, vai de uma vez" (P1, 2023). Já a P2 respondeu:

Eu uso todos que eu aprendi e que me passam, o que eu vejo que dá certo, eu coloco tudo, eu não defino, não tenho só um método não, eu uso os meus métodos, aqueles que eu sei que vão aprender, esse eles estão aprendendo então vou usar esse método, e cada aluno não aprende com um método só, tem uns que aprendem com um método e daí outro tem que tratar já diferente, cada um é cada um, não dá para usar o mesmo método para todos os alunos, sempre tem que ser os métodos um pouco diferente (P2, 2023).

O método fônico (correspondência entre as letras e seus sons), exposto pela P1, tem como objetivo o desenvolvimento da consciência fonológica. Segundo Sebra e Dias (2011, p. 311), "quando associadas ao ensino das correspondências entre letras e sons, as instruções de consciência fonológica tem efeito ainda maior sobre a aquisição de leitura e escrita".

Já Soares (2013), em uma entrevista ao Canal Futura, relata que não se pode falar em método no singular, defendendo a ideia de que para alfabetizar crianças, que são diferentes, que vivem em contextos diferentes e aprendem de maneira diferente, é preciso utilizar variadas estratégias de ensino. Então, como foi dito pela P2, numa sala de aula não dá para aplicar apenas uma metodologia,



mas “partir de” um método de alfabetização é algo importante para direcionar o trabalho pedagógico. Para isso, é importante que o professor saiba identificar as dificuldades de aprendizagem que seus alunos possuem e adaptar as situações de ensino.

Utilizar um método de alfabetização em sala de aula é empregar conhecimentos teóricos relacionados à prática, para finalmente alcançar o nível desejado de alfabetização e letramento. Por isso, é importante nesse processo, a utilização de métodos para alcançar sucesso na alfabetização dos alunos, mas para isso é preciso de conhecimentos, e não somente sobre os métodos, mas sobre o sistema de escrita alfabética e as maneiras que a criança aprende.

Pelinson (2013, p. 8) afirma que “[...] os professores estão acostumados a trabalhar com princípios de todos os métodos de alfabetização, mas não sabem de onde vem cada um deles, qual a sua importância, quais as suas limitações [...]”. Por isso, como observamos na resposta da P2, por mais que ela dissertasse sobre a utilização de “métodos”, no plural, ela não soube responder de quais métodos se utilizava em sala de aula, talvez por falta de conhecimentos sobre a teoria ou por ter confundido método com metodologia.

Também analisamos como aconteceu o processo de alfabetização e letramento, para isso foi realizada a observação participante, em um total de oito visitas à escola, com quatro dias na sala da P1 e mais quatro dias na sala da P2, durante as aulas de Língua Portuguesa, entre os meses de março e abril de 2023. Primeiro, a observação foi realizada na sala da P1, e somente depois, na sala da P2.

Na primeira sala, no primeiro dia de observação, a P1 recebeu as crianças e deu início à rotina, cantando a música de acolhida. Utilizou a lousa para escrever o cabeçalho, indagando os alunos sobre o nome da cidade, o dia, o mês, o ano e o dia da semana. Logo após, com o auxílio de um banner pedagógico do alfabeto, ela perguntou qual era o nome das letras do alfabeto e depois quais eram as vogais. Relembrou às crianças que cada letra tinha um nome e também um som, assim, ensinou os sons das letras. Informou às crianças que eles levariam um caderno de leitura para fazer atividades em casa, depois solicitou que as crianças copiassem da lousa o cabeçalho e passou de carteira em carteira, indicando onde deveriam começar a escrever. Após terminarem o cabeçalho, escreveu na lousa a palavra “ditado”, enumerou de 1 a 7 e pediu para que as crianças copiassem. Ditou palavras como: AI, OI, AU, EI, EU, AO, OU.

No segundo dia, novamente a P1 iniciou a rotina cantando música, escreveu o cabeçalho na lousa, realizou a leitura do alfabeto e das vogais e seus sons. Trouxe um livro para contar uma história para as crianças, cantou a música para iniciar a contação de história e depois leu o livro: “E o dente ainda doía” de Ana Terra. Logo a seguir mostrou para as crianças a letra “A”, explicando que as letras têm quatro formas diferentes, assim, ela escreveu as formas das letras. Depois, para a realização das atividades, as crianças utilizaram o livro didático e fizeram seis atividades da letra “A”.

No terceiro dia, mais uma vez a P1 fez os procedimentos de rotina e depois escreveu as vogais na lousa, as crianças fizeram a leitura, essa parte ela disse que eles não precisariam copiar. Então entregou às crianças livros velhos, utilizados para recorte e solicitou que os alunos recotassem as vogais e colassem no caderno. Logo a seguir realizou ditado de palavras para as crianças, com 10 palavras monossílabas.

No quarto e último dia na sala da P1, ela fez a rotina e entregou o livro didático. As atividades do livro eram sobre a letra "O". Assim, ela lembrou aos alunos de que todas as letras têm quatro formas diferentes e escreveu na lousa as quatro formas da letra "O".

Foi possível identificar durante as observações, que a P1 utiliza bastante o livro didático em suas aulas, como material de apoio em seu trabalho pedagógico. Mas também utilizava outras práticas de alfabetização, como a leitura de textos e atividades de escrita, como o ditado de palavras, voltado para a pauta sonora. Além disso, ela enviava como dever de casa um caderno de leitura, com atividades com os sons das letras e encontros vocálicos.

Quanto à observação na sala da P2, no primeiro dia ela passou o cabeçalho na lousa, perguntou às crianças como estava o clima e desenhou na lousa. Pediu para que eles copiassem o cabeçalho no caderno. Depois, entregou uma atividade de pintura, em que deveriam pintar conforme o indicado, as palavras eram formadas pelas vogais, palavras monossílabas.

No segundo dia, a P2 fez o cabeçalho na lousa e as crianças copiaram. Depois, pediu para uma aluna entregar as folhas de atividade, em que deveriam completar as letras que estavam faltando de acordo com o desenho. A professora fez a leitura da atividade e as crianças fizeram junto com a professora. Depois ela solicitou que outro aluno entregasse a próxima atividade, em que eles deveriam pintar o nome correto, conforme o desenho e depois escrever o som inicial e o som final de cada palavra.

No terceiro dia, novamente, fez a rotina, de escrever o cabeçalho e depois entregou a folha de atividade para as crianças, pediu para que em cada quadrado escrevessem a letra do alfabeto e entregou revistas para que pudessem recortar e colar as letras correspondentes.

No quarto e último dia, a P2 fez a rotina e entregou a folha de atividade, em que as crianças deveriam escrever a letra inicial de cada uma das figuras correspondentes, que estavam na ordem do alfabeto, logo depois solicitou que eles pintassem os desenhos.

Sendo assim, foi possível identificar durante as observações na sala da P2, que ela utilizava várias atividades xerocopiadas como material pedagógico. Quanto às atividades, estavam voltadas para a identificação de letras e para a consciência fonológica. Além disso, todos os dias ela enviava como dever de casa, atividades como as que ela utilizava em sala de aula.

Desse modo, foi possível observar como ocorre o processo de alfabetização e letramento no cotidiano escolar, sendo este um processo lento e gradativo. Também, percebeu-se que o processo de ensino está voltado para a

especificidade da alfabetização, em detrimento do processo de letramento da criança. Além disso, por meio da observação participante identificamos os métodos de alfabetização utilizados pelas professoras, que eram os métodos chamados sintéticos (fônico e alfabético).

## **5 Considerações finais**

A pandemia de Covid-19 impactou a educação brasileira, em especial, o período de alfabetização, em que as crianças precisam da mediação do professor, como forma efetiva para aprender. No caso das turmas do 1º ano do ensino fundamental investigadas, a maioria dos alunos frequentou somente a última etapa da educação infantil. No entanto, muitos entraram no período de distanciamento social, o que pode ter dificultado principalmente o desenvolvimento integral da criança, porque percebemos o quanto as crianças ficaram ansiosas, impacientes e imediatistas, assim, como mencionado pela P1, que eles estavam com dificuldade para a frequência à escola e na realização das atividades. Talvez isso seja uma das consequências do período pandêmico, pois sabemos que a educação infantil desempenha um papel crucial no desenvolvimento cognitivo, social e emocional das crianças.

A partir do objetivo geral da referida pesquisa que foi investigar e analisar como ocorreu o processo de alfabetização e letramento, no contexto pós-pandemia, foi possível averiguar que este é um processo lento e complexo, que ocorre de forma gradual. Também foi observado que nessa etapa escolar, do 1º ano do ensino fundamental, que as práticas pedagógicas que visam à alfabetização foram mais trabalhadas do que as práticas de letramento. Assim, não foi possível observar variadas práticas de letramento no período da observação participante, pois não houve momento de leitura e escrita em situações do dia a dia, nem conversas sobre os textos lidos.

Quando havia leitura, esta não era explorada, era apenas a leitura realizada pela professora, sem que a criança pudesse refletir, interpretar ou mesmo comentar. Desta forma, o foco estava voltado para a aquisição do sistema alfabético, das letras e dos sons, o que chamamos de aprender a “mecânica da escrita”. Foi possível observar que o processo de ensino e aprendizagem se traduziu a partir das seguintes ações: repetir, copiar e decorar, pois o intuito da escrita era acertar a forma correta de como se escreve.

Quanto aos demais objetivos dessa pesquisa, foi possível identificar as seguintes práticas de alfabetização: leitura em voz alta, com livros de histórias infantis e de textos do livro didático; leitura do alfabeto e sons das letras; atividades impressas, atividades do livro didático, bem como de identificação das letras iniciais e finais, das sílabas iniciais e finais, de pinturas, de escrita de sílabas e ditado de palavras. Com relação aos métodos de alfabetização, foi identificado que a P1 utilizava o método fônico e alfabético, já a P2 utilizava o método alfabético.

Quanto às estratégias que a escola e as professoras alfabetizadoras adotaram para recuperar a defasagem na aprendizagem dos alunos, foi averiguado que a escola até oferece aulas de reforço, porém é ofertado para os alunos a partir do 2º ano. Em relação às professoras, indicaram que faziam em sala de aula a retomada do conteúdo e atividades que não foram tão compreendidas pelos alunos, melhoravam a sua abordagem e tentavam uma metodologia diferente.

Contudo, deram-nos indícios de que depois da pandemia, a escola retomou as atividades presenciais e que o ensino “continuou o mesmo”, como se não tivesse acontecido a pandemia. Também, quando questionadas, não disseram nada sobre estratégias da equipe escolar para a garantia da recomposição da aprendizagem dos alunos, pois o que relataram sobre a retomada do conteúdo e projeto de reforço, já era algo que acontecia mesmo antes da pandemia.

O presente trabalho contribuiu para o entendimento de como que ocorre o processo de alfabetização e o letramento no 1º ano do ensino fundamental, oportunizou-nos uma experiência com a sala de aula, contato com as crianças em fase de alfabetização, com as professoras e com a instituição de ensino.

Por fim, esperamos que os resultados possam contribuir para ampliação da discussão sobre a temática, a fim de possibilitar a busca de meios para se aprimorar as metodologias e práticas pedagógicas, mas também, para que possamos refletir sobre o processo de ensino e aprendizagem, de maneira que para além do estudo, possamos melhorar e superar os desafios enfrentados na alfabetização e no letramento das crianças, colaborando na mudança de cenário de fracasso da educação brasileira.

## REFERÊNCIAS

ANJOS, Cleriston Izidro dos; FRANCISCO, Deise Juliana. Educação Infantil e tecnologias digitais: reflexões em tempos de pandemia. **Revista Zero a seis**, 2021. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/zeroseis/article/view/79007/45378>.

Acesso em: 25 set. 2022.

DOMINGOS, Antônia Aline de Sousa; *et. al.* **Desafios da alfabetização e letramento no pós-pandemia**. 2023. Disponível em:

<https://uniateneu.edu.br/wp-content/uploads/2023/04/TCC-30.pdf>. Acesso

em: 19 jul. 2023.

DUARTE, Rodrigo Gonçalves; DUARTE, Leonardo Felipe Gonçalves; SILVA, Dirceu Santos. Políticas educacionais no retorno das atividades presenciais na pandemia: o caso do Programa de Recomposição de Aprendizagens. **Conjecturas**, v. 22, n. 12, p. 108-128, 2022. Disponível em:

<https://www.conjecturas.org/index.php/edicoes/article/view/1538/1114>.

Acesso em: 31 out. 2023.

GALVÃO, Andréa; LEAL, Telma Ferraz. Há lugar ainda para métodos de alfabetização? Conversa com professores(as). In: MORAIS, Artur Gomes; ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de; LEAL, Telma Ferraz. (orgs.). **Alfabetização**: apropriação do sistema de escrita alfabética. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, p. 11-28.

LEAL, Telma Ferraz. Fazendo acontecer: o ensino da escrita alfabética na escola. In: MORAIS, Artur Gomes; ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de; LEAL, Telma Ferraz. (orgs.). **Alfabetização**: apropriação do sistema de escrita alfabética. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, p. 89-110.

MAINARDES, Jefferson. **Alfabetização em tempos de pandemia**. 2021. Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/Jefferson-Mainardes/publication/354173008\\_Alfabetizacao\\_em\\_tempos\\_de\\_pandemia/links/612975e538818c2eaf649e09/Alfabetizacao-em-tempos-de-pandemia.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Jefferson-Mainardes/publication/354173008_Alfabetizacao_em_tempos_de_pandemia/links/612975e538818c2eaf649e09/Alfabetizacao-em-tempos-de-pandemia.pdf). Acesso em: 20 jul. 2023.

PELINSON, Júlia. Qual é o seu método? **Jornal Letra A**. Belo Horizonte, mar./abr. 2013, p. 8-10. Disponível em: [https://www.ceale.fae.ufmg.br/files/uploads/JLA/2013\\_JLA33.pdf](https://www.ceale.fae.ufmg.br/files/uploads/JLA/2013_JLA33.pdf). Acesso em: 02 ago. 2023.

SEBRA, Alessandra Gotuzo; DIAS, Natália Martins. Métodos de alfabetização: delimitação de procedimentos e considerações para uma prática eficaz. **Revista Psicopedagogia**, v. 28, n. 87, p. 306-320, 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicoped/v28n87/11.pdf>. Acesso em: 02 ago. 2023.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. (org.). **Alfabetização no Brasil**: questões e provocações da atualidade. Campinas, SP: Autores Associados, 2007, p. 1-5.

SILVA, Sileusa Soares da. A importância da alfabetização e letramento na educação básica. **Revista Primeira Evolução**, v. 1, n. 16, p. 99-103, 2021. Disponível em: <http://primeiraevolucao.com.br/index.php/R1E/article/view/65/67>. Acesso em: 27 set. 2022.

SOARES, Magda. Letramento e escolarização. In: RIBEIRO, Vera Masagão. (org.). **Letramento no Brasil**: Reflexões a partir do INAF 2001. São Paulo: Global, 2003, p. 89-113.

SOARES, Magda. Canal Futura. Métodos de alfabetização. Entrevista com Magda Soares. Canal Futura. **Youtube**, 18 jul. 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mAOXxBRaMSY>. Acesso em: 02 ago. 2023.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 6. Ed., 8ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2016, p. 13-25

SOARES, Magda. **Alfaletrar:** toda criança pode aprender a ler e a escrever. São Paulo: Contexto, 2020, 9-39.

SOARES, Magda. CPNV UFMS. Mesa redonda "As dívidas que assumimos com a alfabetização na volta ao ensino presencial". In: XIV Jornada Nacional de Educação de Naviraí: a pandemia e as perspectivas para a educação básica no Brasil. **Youtube**, 23 maio 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PEgA5sGFbJ4>. Acesso em: 23 out. 2022.

Recebido em: 30 de agosto de 2024.

Aceito em: 17 de setembro de 2024.

Publicado em: 19 de dezembro de 2024.